

WAGNER COSTA  
Quando meu pai perdeu o emprego

Leitor fluente – 6º e 7º anos do Ensino Fundamental

---

**PROJETO DE LEITURA**

Coordenação: Maria José Nóbrega

Elaboração: Luísa Nóbrega

---

# Árvores e tempo de leitura

MARIA JOSÉ NÓBREGA

O que é, o que é,  
Uma árvore bem frondosa  
Doze galhos, simplesmente  
Cada galho, trinta frutas  
Com vinte e quatro sementes?<sup>1</sup>

Enigmas e adivinhas convidam à decifração: “trouxeste a chave?”.

Encaremos o desafio: trata-se de uma árvore bem frondosa, que tem doze galhos, que têm trinta frutas, que têm vinte e quatro sementes: cada verso introduz uma nova informação que se encaixa na anterior.

Quantos galhos tem a árvore frondosa? Quantas frutas tem cada galho? Quantas sementes tem cada fruta? A resposta a cada uma dessas questões não revela o enigma. Se for familiarizado com charadas, o leitor sabe que nem sempre uma árvore é uma árvore, um galho é um galho, uma fruta é uma fruta, uma semente é uma semente... Traíçoeira, a árvore frondosa agita seus galhos, entorpecenos com o aroma das frutas, intriga-nos com as possibilidades ocultas nas sementes.

O que é, o que é?

Apegar-se apenas às palavras, às vezes, é deixar escapar o sentido que se insinua nas ramagens, mas que não está ali.

Que árvore é essa? Símbolo da vida, ao mesmo tempo que se alonga num percurso vertical rumo ao céu, mergulha suas raízes na terra. Cíclica, despe-se das folhas, abre-se em flores, que escondem frutos, que protegem sementes, que ocultam coisas futuras.

“Decifra-me ou te devoro.”

Qual a resposta? Vamos a ela: os anos, que se desdobram em meses, que se aceleram em dias, que escorrem em horas.

Alegórica árvore do tempo...

A adivinha que lemos, como todo e qualquer texto, inscreve-se, necessariamente, em um gênero socialmente construído e tem, portanto, uma relação com a exterioridade que determina as leituras possíveis. O espaço da interpretação é regulado tanto pela organização do próprio texto quanto pela memória interdiscursiva, que é social, histórica e cultural. Em lugar de pensar que a cada texto corresponde uma única leitura, é preferível pensar que há tensão entre uma leitura unívoca e outra dialógica.

Um texto sempre se relaciona com outros produzidos antes ou depois dele: não há como ler fora de uma perspectiva interdiscursiva.

Retornemos à sombra da frondosa árvore — a árvore do tempo — e contemplemos outras árvores:

Deus fez crescer do solo toda espécie de árvores formosas de ver e boas de comer, e a árvore da vida no meio do jardim, e a árvore do conhecimento do bem e do mal. (...) E Deus deu ao homem este mandamento: “Podes comer de todas as árvores do jardim. Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás, porque no dia em que dela comeres terás de morrer”<sup>2</sup>

Ah, essas árvores e esses frutos, o desejo de conhecer, tão caro ao ser humano...

Há o tempo das escrituras e o tempo da memória, e a leitura está no meio, no intervalo, no diálogo. Prática enraizada na experiência humana com a linguagem, a leitura é uma arte a ser compartilhada.

A compreensão de um texto resulta do resgate de muitos outros discursos por meio da memória. É preciso que os acontecimentos ou os saberes saiam do limbo e interajam com as palavras. Mas a memória não funciona como o disco rígido de um computador em que se salvam arquivos; é um espaço movediço, cheio de conflitos e deslocamentos.

Empregar estratégias de leitura e descobrir quais são as mais adequadas para uma determinada situação constituem um processo que, inicialmente, se produz como atividade externa. Depois, no plano das rela-

ções interpessoais e, progressivamente, como resultado de uma série de experiências, se transforma em um processo interno.

Somente com uma rica convivência com objetos culturais — em ações socioculturalmente determinadas e abertas à multiplicidade dos modos de ler, presentes nas diversas situações comunicativas — é que a leitura se converte em uma experiência significativa para os alunos. Porque ser leitor é inscrever-se em uma comunidade de leitores que discute os textos lidos, troca impressões e apresenta sugestões para novas leituras.

Trilhar novas veredas é o desafio; transformar a escola numa comunidade de leitores é o horizonte que vislumbramos.

Depende de nós.

<sup>1</sup> In Meu livro de folclore, Ricardo Azevedo, Editora Ática.

<sup>2</sup> A Bíblia de Jerusalém, Gênesis, capítulo 2, versículos 9 e 10, 16 e 17.

---

## DESCRIÇÃO DO PROJETO DE LEITURA

### UM POUCO SOBRE O AUTOR

Procuramos contextualizar o autor e sua obra no panorama da literatura brasileira para jovens e adultos.

### RESENHA

Apresentamos uma síntese da obra para que o professor, antecipando a temática, o enredo e seu desenvolvimento, possa avaliar a pertinência da adoção, levando em conta as possibilidades e necessidades de seus alunos.

### COMENTÁRIOS SOBRE A OBRA

Apontamos alguns aspectos da obra, considerando as características do gênero a que

pertence, analisando a temática, a perspectiva com que é abordada, sua organização estrutural e certos recursos expressivos empregados pelo autor.

Com esses elementos, o professor irá identificar os conteúdos das diferentes áreas do conhecimento que poderão ser abordados, os temas que poderão ser discutidos e os recursos linguísticos que poderão ser explorados para ampliar a competência leitora e escritora dos alunos.

### QUADRO-SÍNTESE

O quadro-síntese permite uma visualização rápida de alguns dados a respeito da obra e de seu tratamento didático: a indicação do gênero, das palavras-chave, das áreas e temas transversais envolvidos nas atividades propostas; sugestão de leitor presumido para a obra em questão.

Gênero:  
Palavras-chave:  
Áreas envolvidas:  
Temas transversais:  
Público-alvo:

## PROPOSTAS DE ATIVIDADES

### a) antes da leitura

Os sentidos que atribuímos ao que se lê dependem, e muito, de nossas experiências anteriores em relação à temática explorada pelo texto, bem como de nossa familiaridade com a prática leitora. As atividades sugeridas neste item favorecem a ativação dos conhecimentos prévios necessários à compreensão e interpretação do escrito.

- Explicitação dos conhecimentos prévios necessários à compreensão do texto.
- Antecipação de conteúdos tratados no texto a partir da observação de indicadores como título da obra ou dos capítulos, capa, ilustração, informações presentes na quarta capa, etc.
- Explicitação dos conteúdos da obra a partir dos indicadores observados.

### b) durante a leitura

São apresentados alguns objetivos orientadores para a leitura, focalizando aspectos que auxiliem a construção dos sentidos do texto pelo leitor.

- Leitura global do texto.
- Caracterização da estrutura do texto.
- Identificação das articulações temporais e lógicas responsáveis pela coesão textual.
- Apreciação de recursos expressivos empregados pelo autor.

### c) depois da leitura

São propostas atividades para permitir melhor compreensão e interpretação da obra, indicando, quando for o caso, a pesquisa de assuntos relacionados aos conteúdos das diversas áreas curriculares, bem como a reflexão a respeito de temas que permitam a inserção do aluno no debate de questões contemporâneas.

#### ◆ nas tramas do texto

- Compreensão global do texto a partir de reprodução oral ou escrita do que foi lido ou de respostas a questões formuladas pelo professor em situação de leitura compartilhada.
- Apreciação dos recursos expressivos empregados na obra.
- Identificação e avaliação dos pontos de vista sustentados pelo autor.
- Discussão de diferentes pontos de vista e opiniões diante de questões polêmicas.
- Produção de outros textos verbais ou ainda de trabalhos que contemplem as diferentes linguagens artísticas: teatro, música, artes plásticas, etc.

#### ◆ nas telas do cinema

- Indicação de filmes, disponíveis em VHS ou DVD, que tenham alguma articulação com a obra analisada, tanto em relação à temática como à estrutura composicional.

#### ◆ nas ondas do som

- Indicação de obras musicais que tenham alguma relação com a temática ou estrutura da obra analisada.

#### ◆ nos enredos do real

- Ampliação do trabalho para a pesquisa de informações complementares numa dimensão interdisciplinar.

## DICAS DE LEITURA

Sugestões de outros livros relacionados de alguma maneira ao que está sendo lido, estimulando o desejo de enredar-se nas veredas literárias e ler mais:

- ▶ do mesmo autor;
- ▶ sobre o mesmo assunto e gênero;
- ▶ leitura de desafio.

Indicação de título que se imagina além do grau de autonomia do leitor virtual da obra analisada, com a finalidade de ampliar o horizonte de expectativas do aluno-leitor, encaminhando-o para a literatura adulta.

WAGNER COSTA

## Quando meu pai perdeu o emprego

Leitor fluente — 6º e 7º anos do Ensino Fundamental

**UM POUCO SOBRE O AUTOR**

Wagner Costa atuou durante muito tempo como repórter policial em grandes jornais diários de São Paulo e foi professor de Literatura. Desde 1970, já publicou diversos livros para crianças e adolescentes, a maioria pela Editora Moderna. Nesses livros, Costa trabalha temas sociais. Em *Quando meu pai perdeu o emprego*, relata sua própria experiência, quando ficou desempregado como professor e jornalista, e acrescenta relatos de crianças falando de seus pais desempregados. “Se você escreve para criança, pode tudo, menos mentir. Pode criar, fantasiar, fazê-la viajar. Mas, no momento em que aborda temas sociais, você não pode mentir.”

Quando trabalhou como repórter policial, em contato com jovens infratores, Costa percebeu

que o índice de violência é inversamente proporcional ao universo da leitura. Para Wagner Costa, a leitura resgata a cidadania. “Em alguém que lê, a crueldade vai sendo atenuada porque a pessoa consegue enxergar outros horizontes.” Segundo Costa, uma criança que lê é senhora de si.

**RESENHA**

É o menino, Pepê, que conta em primeira pessoa a história da família, centrada no problema da perda do emprego e da mudança de situação econômica. Pepê e seus três irmãos levam uma vida mais do que confortável, cheia de mordomias. Quando o pai perde o emprego, porém, tudo muda drasticamente: agora têm que dividir um minúsculo apartamento e tirar seu sustento vendendo pastel numa barraca. Não fosse o apa-

recimento providencial do avô, autodenominado Capitão Esperança, a família talvez tivesse sucumbido a um desânimo lúgubre. O capitão, porém, batizando a família de Nave Azul, infunde-lhes confiança e paciência para enfrentar os maus ventos. Apenas Betão, o irmão mais velho, não consegue lidar com a vergonha e o desgosto pela nova situação e acaba sendo expulso da nave. Pepê, ao contrário, desdobra-se para colaborar: arruma um emprego de *office boy*, ajuda na barraca de pastel e fica feliz quando o irmão, arrependido e transformado, volta para casa. Depois de muitos revezes, o pai consegue um bom emprego, a situação melhora e todos reconhecem na crise uma oportunidade de amadurecimento.

## COMENTÁRIOS SOBRE A OBRA

A narrativa do livro aborda a crise financeira como uma oportunidade de amadurecimento: os personagens, cada qual à sua maneira, são obrigados a lidar com suas expectativas frustradas, adaptar-se a um novo modo de vida e, apoiando-se mutuamente, encontrar soluções para os próprios problemas. O tema é tratado de forma direta e bem-humorada, mesmo nos momentos mais dramáticos. Há momentos da vida em que somos obrigados a mudar nosso modo de vida, abrir mão de expectativas infundadas e tornarmo-nos mais realistas, solidários e humildes, e não há tragédia nenhuma nisso, parece nos dizer Pepê.

## QUADRO-SÍNTESE

**Gênero:** novela.

**Palavras-chave:** desemprego; família; solidariedade.

**Áreas envolvidas:** Língua Portuguesa, Geografia.

**Temas transversais:** ética, trabalho e consumo.

**Público-alvo:** leitor fluente – 6º e 7º anos do Ensino Fundamental.

## PROPOSTAS DE ATIVIDADES

### Antes da leitura

1. Analise os elementos que compõem a imagem de capa: pendurado nas costas de uma cadeira,

observa-se um paletó risca de giz. Sobre seu acento, vê-se uma pasta de couro aberta que permite entrever parte de seu conteúdo: algumas folhas de papel. Aos pés da cadeira, um par de sapatos social. Que elementos da capa simbolizam o nível socioeconômico dos proprietários da casa? Como a imagem se relaciona com o título?

2. Converse com os alunos a respeito das duas situações que sustentam a narrativa: a perda de emprego do pai e a mudança das condições econômicas da família. Algum deles conhece alguém que já passou por uma situação assim? Como reagiram? Colha os depoimentos.

3. A partir do texto da quarta capa, estimule os estudantes a criar hipóteses a respeito do desenrolar da história. O que seria a Nave Azul? E o Capitão Esperança?

4. Leia com os alunos a seção “Autor e obra”, no final do livro, para que saibam um pouco mais a respeito da trajetória de Wagner Costa.

### Durante a leitura

1. Estimule-os a verificar se suas hipóteses tinham algum fundamento ou não.

2. Narrada por Pepê, a história é enunciada de forma informal, com expressões e gírias coloquiais. Diga a seus alunos que atentem a isso e procurem notar quais dessas gírias ainda são conhecidas e empregadas por eles e quais lhes soam um tanto estranhas.

3. Cada um dos personagens se transforma sensivelmente com a situação. Proponha que atentem para essas mudanças e criem um quadro em que confrontem os hábitos e atitudes dos personagens antes e depois da perda do emprego.

4. Proponha que atentem para a relação entre o título dos capítulos e o texto, bem como entre os textos e as pequenas e divertidas ilustrações que permeiam o livro.

### Depois da leitura

1. Pergunte aos alunos com que personagens se identificaram. Pergunte também o que acharam da reação de Betão. Pelo texto, podemos saber de suas atitudes, mas o que será que se passava no seu íntimo? Proponha que se coloquem na pele dele e escrevam um depoimento sobre o que ele

pensava e por que se sentia a “ovelha negra” da família. O que será que aconteceu para que se desse essa mudança repentina, no final da história? Ouça a canção *Ovelha negra*, de Rita Lee, levando uma cópia da letra para que acompanhem. Há muito em comum entre a trajetória do eu lírico da letra e a de Betão.

2. A história de Betão remete à parábola bíblica do filho pródigo — leia com os alunos esse texto clássico do Evangelho de Lucas, cap. 15, versículos 11 a 32, e deixe que seus alunos estabeleçam relações entre a narrativa bíblica e o livro de Wagner Costa.

3. Discuta com seus alunos como se coloca o papel da mãe no decorrer da história: Pepe comenta que, até o momento em que o pai perde o emprego, costumava vê-la como uma figura frágil. Ela não trabalhava até que a desestruturação da família se desse; e, mesmo depois, o pai, em um determinado momento da história em que parecia ter conseguido o emprego, diz a ela que volte a ficar em casa enquanto ele ganha o sustento da família. As mães dos alunos trabalham fora? Proponha que seus alunos realizem uma pesquisa a respeito do movimento feminista e da luta feminina para não restringir-se aos papéis de mãe e dona de casa. O que mudou? Que padrões ainda permanecem?

4. O trabalho informal, ou seja, aquele sem registro em carteira ou sem contrato formalizado, ganhou muitos adeptos nos últimos anos e vem merecendo espaço na mídia pelos problemas e vantagens que traz. Convide alguém que vive desse tipo de trabalho para conversar com a classe. Pode ser até um dono de barraca de pastel. Aliás, será que esse tipo de trabalho é sempre informal? Peça que os alunos investiguem.

5. Com o desemprego do pai, Pepê precisou enfrentar uma série de problemas. Organize a turma em quatro grupos para estudar e compreender melhor a situação do mercado de trabalho e os problemas relativos ao desemprego no Brasil. a) O primeiro grupo deve pesquisar o valor do salário mínimo no Brasil e avaliar o que é possível fazer com ele. É suficiente para o sustento de uma família? b) O segundo grupo deve pesquisar sobre a carteira de trabalho. Que informações ela contém? Qual sua importância? Como se faz

e o que é necessário para obtê-la? c) O terceiro grupo deve pesquisar sobre trabalho informal. O que é? Quais são os tipos mais comuns? Quais os problemas da informalidade? d) O quarto grupo deve pesquisar sobre a cesta básica. O que é? O que contém? É suficiente para uma família? Finalizada a pesquisa, cada grupo deverá sintetizar as informações obtidas e preparar uma pequena exposição para os demais colegas. Após as apresentações, organize-os novamente em grupos e desafie-os a idealizar um salário mínimo, uma cesta básica e uma relação de trabalho que considerariam justos.

6. As necessidades de Pepê parecem ser diferentes das de Betão. Discuta com os alunos as necessidades básicas de cada um deles ou de sua família. Peça que cada um anote todo o seu consumo de um dia e, com a ajuda da família, calcule o custo individual diário, estabelecendo seu possível gasto mensal. Não se esqueça de pedir que considerem o consumo de água, luz, telefone, moradia, vestuário, transporte, educação e outros. Registre os dados em painéis e analise as semelhanças e as diferenças. Discuta com a turma:

- O que é básico? O que é necessário? O que é supérfluo? O que é ideal?
- Para ampliar a discussão, ouça com eles a canção *Comida*, de Arnaldo Antunes, Marcelo Fromer e Sérgio Brito, e chame a atenção para os versos: “A gente não quer só comida / a gente quer comida, diversão e arte...”.

7. Assista com os alunos ao filme *A lula e a baleia*, do escritor-diretor Noah Baumbach, premiado em Sundance (melhor diretor e melhor roteiro), que retrata, de modo realista e contundente, as profundas transformações de uma família após a separação do casal.

8. Sugira a leitura do livro *Mulherzinhas*, de Louise May Alcott, publicado pela Martin Claret. O livro narra a história de quatro irmãs criadas apenas pela mãe enquanto o pai está na Guerra Civil americana. A comovente história dessa família que luta pela sobrevivência permite estabelecer um interessante contraponto com *Quando meu pai perdeu o emprego*, além de propor uma reflexão acerca do papel da mulher em uma sociedade eminentemente masculina.

## DICAS DE LEITURA

### ► do mesmo autor

*Eu, pescador de mim.* São Paulo: Moderna.

*Guerra do tênis nas ondas do rádio.* São Paulo: Moderna.

### ► do mesmo gênero

*O feijão e o sonho,* de Orígenes Lessa. São Paulo: Ática.

*Pai sem terno e gravata,* de Cristina Agostinho. São Paulo: Moderna.